

**JÚLIA DA COSTA: RECONHECIMENTO E MÉRITO DE SUA LITERATURA**

Júlia da Costa: recognition and merit of her literature

**Rosana Cássia dos Santos**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CNPq)

rosanack@yahoo.com.br

**RESUMO**

Júlia da Costa (1844-1911) foi uma escritora do século XIX, que se destacou principalmente na poesia. Seus versos inspirados tiveram alguma atenção de intelectuais da época, como Mariana Coelho (1857-1954) e Dario Vellozo (1869-1937), por exemplo, mas foram quase que esquecidos no decorrer do tempo. A historiografia e a crítica praticamente ignoraram Júlia da Costa. Este texto propõe reavaliar esse passado e reler a escritora, reconhecendo o mérito de sua literatura para o Romantismo brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Júlia da Costa; literatura; Romantismo**ABSTRACT**

Júlia da Costa (1844-1911) was a 19th-century writer who excelled mainly in poetry. Her inspired verses had some attention from intellectuals of the time, such as Mariana Coelho (1857-1954) and Dario Vellozo (1869-1937), for example, but they were almost forgotten over time. Historiography and criticism practically ignored Júlia da Costa. This text proposes to reassess this past and reread the writer, recognizing the merit of her literature for Brazilian Romanticism.

**KEYWORDS:** Júlia da Costa; literature; Romanticism

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá, a 1º de julho de 1844, filha de Alexandre José da Costa e Maria Machado da Costa. Em virtude da morte de seu pai, ainda jovem mudou-se com sua mãe para São Francisco do Sul, em Santa Catarina, onde faleceu a 2 de julho de 1911. Posteriormente, seus restos mortais foram transferidos para o Paraná e depositados em sua cidade natal, Paranaguá. Destacava-se entre as mulheres de seu tempo pela intelectualidade, pertenceu a uma família que lhe ofereceu condições de cultivar o espírito. Assim como o tio, o poeta José Ricardo da Costa, admirava Gonçalves Dias. Colaborou com periódicos do Paraná, dentre outros: *Dezenove de Dezembro*, *Itiberê*, *Gazeta do Povo*, *Almanaque Paranaense*, *A República*, *Almanaque da Câmara Municipal de Paranaguá*. Críticos literários comumente a incluem no rol de poetas românticos do estado natal de Júlia da Costa. Cronologicamente, é considerada a primeira poetisa paranaense e, a par desse pioneirismo, destaca-se o valor de sua obra, com acentos melancólicos e versos bem moldados. Como era bastante comum à época, a escritora utilizou alguns pseudônimos, como: “A Sonhadora”, “A Americana” ou variações com iniciais ou parte de seu nome.

Júlia da Costa teve um relacionamento amoroso com o poeta e músico catarinense Benjamin Carvoliva, dividido em dois momentos: um, enquanto era solteira, e em outro momento, quando se encontrava casada. Esse relacionamento ficou registrado pelas cartas de Júlia da Costa a Carvoliva, preservadas por ele e que chegaram às mãos da pesquisadora Rosy Pinheiro Lima através do neto do escritor. Posteriormente, Rosy Pinheiro Lima publicou o livro *Vida de Júlia da Costa* (1953), importante registro sobre vida e obra da poetisa.

Em relação aos estudos sobre Júlia da Costa, destaca-se também a colaboração da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, responsável pelo livro: *Poesia – Júlia da Costa* (2001), obra na qual foi reunida grande parte da obra da escritora, desde poemas e prosa poética, até as mais

de quarenta cartas enviadas a Benjamin Carvoliva e também outras, destinadas a parentes, fortuna crítica sobre Júlia da Costa e reprodução de fotografias da época.

Segundo Rosy Pinheiro Lima, o relacionamento de Júlia da Costa e Carvoliva não foi adiante devido às incertezas dele, o que fez com que a mãe da poetisa a incentivasse a se casar com o comendador Francisco Costa Pereira, político de posses, trinta anos mais velho que Júlia da Costa. O matrimônio ocorreu em 1871, e a poetisa passou a se dedicar cada vez mais à literatura, destacando-se na sociedade local:

Os salões do Comendador se abriram então para reuniões e saraus literários, enquanto sua casa – antigo solar do último capitão-mor de S. Francisco – hospedava governadores e eminentes políticos.

O encanto envolvente da poetisa, sua meiguice e tristeza, a vivacidade da inteligência invulgar, a elegância apurada dos trajes sempre brancos, sua delicada interpretação ao piano, impressionaram quantos a conheceram nesse período de vida intensa e brilhante (SEM AUTORIA – Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959, p. 5).

Carvoliva retornou a São Francisco do Sul alguns anos depois, e o relacionamento entre ambos foi retomado, tendo se encerrado, novamente, devido às incertezas do pretense enamorado.

Além das cartas de amor, a autora também cultivava o gênero epistolar ao se comunicar com parentes. Em algumas dessas cartas, ela deixava transparecer certa melancolia pela vida que levava, pela “obscuridade” do local, como nessa correspondência enviada ao seu primo Joaquim Guilherme da Silva:

Meu primo.

Como tens passado?... Há quanto tempo não me escreves!... em compensação desta falta de cartas, tenho recebido por vezes o teu jornal... Agora, à vista dos fatos que se têm desenrolado nestes últimos meses, compreendo bem tuas palavras. Na verdade, meu primo! Estamos atravessando uma quadra bem triste! Quando eu te dizia que o Brasil ainda não estava preparado para ser República, censuravas o meu afínco à monarquia. Bem vêes, que tudo caminha aos trambolhões; esta república feita às pressas, sem protesto, sem nada, saiu defeituosa.

Felizmente a obscuridade em que hoje vivo, me põe a salvo de muitos dissabores. Não tenho opinião política, aborreço tudo que me cerca, porque guardo n’alma uma dor profunda...

Tu és a única afeição que meu coração conserva, acredita..., apesar das minhas tristezas, sinto um grande alívio quando recebo uma carta tua. Adeus! Pensa algumas vezes em mim e abraça tua mulher e teus filhos. Adeus! De tua prima e verdadeira amiga – Júlia da Costa.

S. Francisco 25-12-1898 (COSTA, in MUZART, 2001, p. 387).

Após a viuvez, depois do falecimento do Comendador Costa Pereira em 1892, a escritora foi se tornando mais reclusa e passou a apresentar sinais de demência. Em seu livro, Rosy Pinheiro Lima transcreve o relato de Alberico Figueira, que havia contactado com a escritora pouco antes que ela viesse a falecer:

Enferma e quase cega, de fisionomia aparentemente triste, envelhecida pelos anos e com pouca lucidez de espírito, era com dificuldade que respondia às nossas perguntas. Ao se lhe falar de Paranaguá, sua terra natal, fez a poetisa um esforço mental e compassadamente, comovida, falou de pessoas que foram do tempo de sua infância, de certos acontecimentos sociais e de aspectos da cidade, focalizando as tardes domingueiras em que o seu estro poético recebia impressões do atraente Campo-Grande do caminho do Rocio, cuja vegetação lembrou com saudade.

Vimo-la um tanto fatigada e por isso resumimos as indagações. A poetisa, porém, queria falar mais e perguntou-nos se havíamos conhecido José Morais e Fernando Amaro, dois poetas de seu tempo (LIMA, 1953, p. 9).

A escritora Mariana Coelho, em seu livro *O Paraná mental* (2002), expressa o questionamento suscitado por muitos: “Vive, atualmente, essa adorável e infeliz poetisa, numa cidade do estado de Santa Catarina, envolta na treva da demência. Por que tortuoso caminho iria esta doce peregrina do ‘sonho’ dar em tal abismo?” (COELHO, 2002, p. 39).

No sentido de elucidar determinados aspectos ligados à vida e obra da poetisa, Rosy Pinheiro Lima entrou em contato com Carlos da Costa Pereira, jornalista e historiador catarinense, parente do marido de Júlia da Costa. Em trecho reproduzido da carta enviada, compreende-se melhor seu intuito e o quanto a historiografia literária havia negligenciado a existência de Júlia da Costa e sua obra:

Encarregada pelo Centro Paranaense de Cultura, de colher dados biográficos sobre D. Júlia da Costa, poetisa paranaense que viveu em São Francisco do Sul, para o livro *Um Século de Poesia*, a ser editado em comemoração ao 1º Centenário da criação da Província do Paraná, venho recorrer, e etc.

Interessante é notar a imprecisão existente sobre sua vida. Basta dizer que, de tudo que se tem escrito sobre ela – cronologicamente a primeira poetisa paranaense – nada há de exato. Há dúvidas até se era loura ou morena (dissipada agora pelo Sr. J. L. da Costa Pereira), dela não existindo ao menos um retrato. Se deixou Paranaguá solteira ou casada. Se foi feliz no casamento ou infelicíssima – teoria esposada pela maioria dos seus biógrafos. Se esteve voluntariamente encerrada no casarão antigo de São Francisco durante muitos anos (uns afirmam durante 20 anos, outros durante 4 ou 5 anos). Se publicou apenas os dois volumes de *Flores Dispersas* (1867-1868) ou ainda outro livro, muitas vezes citado, *Bouquet de Violetas*, volume não encontrado. – Tudo o que dela se afirma é impreciso. De modo que se nos afigurou interessante empreender novas pesquisas para restabelecer a verdade (LIMA, in COSTA, 1982, p. 3).

A partir desse contato, Carlos da Costa Pereira escreveu então o estudo *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa*, publicado postumamente em livro, em 1982. O autor faz uma defesa em torno do nome do comendador Costa Pereira, marido de Júlia da Costa: “O certo é que três ocorrências na vida de Júlia da Costa deixaram sulcos indeléveis em seu espírito – a morte do pai, ficando ela órfã em tenra idade; a morte de uma irmã, ‘doce e meiga criança’; e o abandono forçado da terra natal, ser ‘do pátrio ninho banida’. Ele prossegue: “No entanto, aos seus biógrafos afigurou-se mais simples atribuir a melancolia de que seus versos se acham impregnados, aos ‘vexames e martírios possíveis’ que, segundo versões fantasistas, lhe infligia o marido” (COSTA, 1982, p. 30-31).

Conforme anteriormente referido, no ano seguinte ao envio dessa carta, em 1953, Rosy Pinheiro Lima publicou um dos principais registros sobre a escritora, o livro *Vida de Júlia da Costa* – com respostas para boa parte dos questionamentos feitos por ela nesse registro epistolar – preciosa fonte que, dentre outras, embasou os estudos de Zahidé Lupinacci Muzart e de outros/as pesquisadores/as. Há, portanto, fatos e contestações sobre a biografia da escritora, que brevemente traçamos em parágrafos anteriores. No entanto, o foco deste texto está centrado no reconhecimento e mérito da literatura de Júlia da Costa, e aspectos biográficos da escritora que tenham sido relevantes para seu fazer literário, como o acesso ao estudo, possibilidades de publicação, limitações de atuação no contexto literário por ser mulher, com o cuidado de não reduzir a escritora tentando reconstituir uma relação sentimental furtiva e seus possíveis desdobramentos e consequências. A partir do momento em que há o acesso à grande parte de sua obra, melhor será o empenho e a energia direcionados ao estudo de seus textos, colaborando, assim, com a crítica

literária brasileira, ainda tão insuficiente em relação à escritora.

Júlia da Costa publicou *Flores dispersas*, 1ª série, em 1867, *Flores dispersas*, 2ª série, em 1868, *Bouquet de violetas*, publicado no *Jornal Itiberê*, de Paranaguá, nos anos de 1882-1883 e *Flores dispersas*, 3ª série, publicação póstuma, em 1913, com os poemas da 1ª e 2ª séries e poesias esparsas encontradas entre os pertences da escritora após o falecimento. Sua obra mereceu a atenção da crítica literária da época. A. de Almeida publicou, em 1874, no jornal desterrense *O Conservador*, o artigo “Júlia da Costa”, no qual defendeu a participação feminina além da esfera doméstica e destacou a valiosa contribuição da poetisa às letras. Em tempo no qual havia ainda preconceitos em relação às mulheres, as ideias defendidas pelo autor concedem ao seu discurso um tom inovador:

Por isso, empecer o progresso intelectual da mulher no Brasil é o fim social mais depressa curado, enquanto do maior ou menor desenvolvimento intelectual da mulher, é claro, depende a estabilidade da família, a felicidade do casal, a superioridade da educação moral, que dos filhos um dia deve constituir, cada um, o cidadão que à pátria honrará, gloriando aqueles que lhe deram o ser, e à nação seja útil a si, e a felicidade e o bem estar da próxima, procure, buscando esses dois proveitos para si próprio (In: MUZART, 2001, p. 400).

O autor ressalta, porém, que acontece geralmente o contrário, as mulheres permanecem distantes do trabalho intelectual, abstraídas em preocupações de ordem estética e doméstica, nessa sequência. Ainda sobre Júlia da Costa destacou a “vigorosa inspiração” que seguia um trajeto peculiar: da cabeça para o coração e do coração aos bicos das penas com que escrevia seus versos.

Sobre sua obra também escreveu o escritor simbolista Dario Vellozo, em uma das primeiras tentativas de sistematizar as tendências da literatura paranaense, no final do século XIX. No texto “A Literatura no Paraná”, publicado na Revista *Club Coritibano*, o autor destaca:

A primeira obra literária, firmada por paranaense, creio ser o opúsculo de D. Júlia Maria da Costa. – Esta senhora, nascida em Paranaguá, escreveu as *Flores Dispersas*, publicadas em Santa Catarina, durante o ano de 1868.

Tem a mulher, pois, a primazia entre os cultores do verso, no Paraná. [...].

As *Flores Dispersas*, como toda poesia lírica, têm a nota passional e íntima dos afetuosos nostálgicos, pungidos de tristeza e saudade. São páginas sentidas, reveladas na sinceridade indiscreta de pungente e acerba melancolia; simples, singelas, sem os falsos ouropéis do condoreirismo, sem torturados arabescos, – desabrochadas longamente, ao vago luar desolado de uma esperança sempre morta... (VELLOZO, 1896, p. 1). [Ortografia atualizada].

Ao discorrer sobre a poetisa, Dario Vellozo procurou não se apegar a aspectos da vida da escritora, mas enfatizar o estudo literário de sua poesia. Inicia seu trabalho valorizando os românticos brasileiros que procuravam superar o preconceito literário em relação ao nosso país, lamentando que no Paraná a literatura se encontrasse ainda tão incipiente. Aponta Júlia da Costa como autora da primeira obra literária paranaense em versos e destaca que essa primazia coube a uma mulher. Como se pode perceber a partir do excerto, o autor analisa a composição poética da escritora com sensibilidade, salienta o quanto seus versos revelavam mágoas, saudades, agonias, mistério e morte. No decorrer do texto publicado, aproxima a poesia de Júlia da Costa com aquela produzida por Lamartine, Soares de Passos e, em particular, de Casimiro de Abreu. O autor destaca ainda que o objetivo dos escritores brasileiros era produzir uma literatura que em nada devesse àquela realizada na Europa, no entanto, as dificuldades eram muitas para que se atingisse essa meta. Havia nessa época poucas escolas no Brasil e o índice de analfabetismo era bem alto, e raras as mulheres que recebiam uma boa educação.

Júlia da Costa poderia ter sido incluída entre os poetas românticos brasileiros, integrando

devidamente a historiografia literária nacional. A poetisa aparece aos leitores através de um eu-lírico que fica no limiar entre a fragilidade e a força, angustiada e incompreendida, vivendo em um meio incapaz de entender seus sentimentos. É próprio do espírito romântico esse condenar-se à solidão, em um embate subjetivo entre os desejos e sonhos e a impossibilidade de sua realização, o que levava à profunda melancolia.

A comparação com Casimiro de Abreu remete ao que Antonio Candido escreveu em seu *Formação da Literatura Brasileira* sobre o poeta em “O ‘belo, doce e meigo’: Casimiro de Abreu”, e o classifica como o maior dentre os menores poetas românticos brasileiros. Destaca a sinceridade de seus versos e a maneira singela com que trata dos anseios anímicos, supondo não haver no ser humano nada além de “meia dúzia de sentimentos” o que, de certa forma, justificaria sua popularidade: “Por isso mesmo foi o predileto dos cestos de costura, levando a um fervoroso público feminino toda a gama permitida de variações em torno do enleio amoroso, negaceando os arrojos sensuais por meio de mensagens elegantes [...]” (CANDIDO, 1981, p. 194). No momento de uma crítica mais contundente ao “cânone literário” através de Casimiro de Abreu, Antonio Candido direciona a verve irônica justamente para o “público feminino”, estereotipando esse público, colaborando para trazer ao século XX os preconceitos já tão insultuosos do século XIX em relação às mulheres.

A poesia de Júlia da Costa não permanece à superfície, escorando-se em meia dúzia de sentimentos comuns, surpreende por ter sido resultante da lavra de uma mulher do século XIX, morando no Sul do Brasil, em uma sociedade patriarcal, em que teve a ventura de poder estudar, ler, e isso fez toda a diferença. Mesmo que uma das imagens recorrentes de sua poesia seja o mar, demonstrando a limitação geográfica à qual se manteve por toda a vida, uma vez que residiu em duas regiões litorâneas, ainda assim seus versos possuem valor literário inegável, os quais justificam o resgate e a reavaliação de sua literatura.

Ao compor suas poesias, Júlia da Costa mostra predileção pelo uso de quadras com decassílabos, rimando os versos pares, ou, mais raramente, sextetos em redondilha menor. Além da dedicação aos versos, há que se destacar sua prosa, que muito se aproxima da poesia, impossibilitando uma classificação de gênero literário feita de maneira mais rigorosa; poemas, cartas e textos em prosa têm em comum o mesmo veio poético que os conduz. Um exemplo a esse respeito pode ser visto em “Queixumes”, texto em prosa entremeado por versos, de seu livro *Bouquet de violetas*. Esse texto é bastante interessante, pois destaca seu fazer literário e os cerceamentos da época em relação a essa iniciativa:

Embalde quero sorrir ao painel esplêndido da criação; embalde busco correr atrás da sombra porque logo escuto uma voz que me diz com ironia: “Insensata!”. Deixa esses sonhos gigantes do pensamento! Não corras atrás de tua própria sombra, porque um dia cansarás.

[...]

Deus! Para que me deste essa imaginação de fogo, esse fanatismo terrível que faz acreditar nos sonhos impossíveis de uma noite de tristeza?!...

Por que eu canto ainda?...

Ai!...

Eu canto ainda, mas meu canto é triste  
Como do nauta a arquejar aflito!  
É como o hino de um sonhar amargo  
Sobre os palmares de um vergel escrito.

[...]

Mas, embalde acordo os ecos com meus cantos maviosos; embalde digo ao espírito que voe e a inteligência que trabalhe!... Meu coração, tomado de desânimo,

sente-se vergar ao peso da descrença!... (COSTA, in MUZART, 1999, p. 411-412).

Apesar de certo destaque dado ao sentimento amoroso que a escritora pudesse ter em relação a Carvoliva e que, portanto, ela tratasse essencialmente desse sentimento em seus versos, a leitura de seus poemas não demonstra isso. É importante ainda ressaltar que, ainda que existam aspectos da vida da poetisa em seu fazer literário, ela cria uma instância própria, o eu-lírico, o qual não necessariamente corresponde à escritora. Há poemas cujo tema é o amor, mas muitos deles se referem à tristeza, à melancolia em relação à vida em si. Há recorrentes imagens marítimas, oníricas, angelicais, muitas vezes envoltas em sombras e morte, um grande lamento pela solidão vivida, não apenas a solidão física, mas o distanciamento de ideias e pensamentos.

Em muitos poemas a poetisa se refere à sombra, o espaço sem luz, às trevas, reflexo da existência impalpável, figuras que representavam aquilo que entristecia a alma. Dentre os temas utilizados pela poetisa, se destaca o da saudade, em especial do lugar onde nasceu. A evasão cronológica e geográfica faz com que idealize o tempo da infância, se recordando da casa onde vivia, das amizades cultivadas, identificando o tempo e o espaço de outrora à felicidade, e o momento presente à tristeza. No poema “Minha terra”, a princípio tudo surge envolto em sonhos: “E me lembro... Se as auras osculam / As ondinas cerúleas do mar, / Eu nas asas auras desejo / A meu solo querido voar” (COSTA, in MUZART, 2001, p. 112). As ondinas eram as ninfas das águas, beijadas pela brisa do mar, metáfora utilizada para expressar o desejo do eu-lírico de se afastar dali para o lugar almejado. Mas há depois uma ruptura, o real se impõe e exaspera, em um ímpeto próprio dos românticos, com vários pontos de exclamação apoiando na forma o que aparece explícito no conteúdo, e são estes os versos finais que compõem o poema: “Mas é tudo p’ra mim impossível! / Tudo é sonho! Quimera!! Ilusão!!! / Só real a saudade que sinto nesta negra e cruel solidão” (COSTA, in MUZART, 2001, p. 113). Em outro poema, “Uma folha ao vento”, novamente em sonho se transporta a outro lugar, distante do que a fazia permanecer envolta em sombras de tristeza: “E vou p’ra o Norte procurar meu berço, / Ver as estrelas do meu céu azul / [...] / E a brisa geme, - Paraná – dizendo, / E os sonhos tristes murmuram lá! / Nota dorida de uma lira amiga / A meus ouvidos silencia já” (COSTA, in MUZART, 2001, p. 195-196).

Em algumas cartas e mesmo em poemas, a escritora reflete sobre o fazer literário e se mostra sensível em relação à sua “lira”. Receia que o desencanto chegue ao extremo de afastá-la para sempre da literatura, ou por vezes nega ser poeta, modestamente não admitindo que celebrassem seus versos nem a admirassem por ser escritora. Em carta ao primo Joaquim, datada de 1889, é possível conhecer um pouco mais Júlia da Costa, livre do estereótipo de frágil, alheada por um amor impossível:

Dizes que nos papeis do nosso tio, tens achado versos meus. Não te incrimino por apanhares as pétalas dessas flores mortas. Mas não alimentes a esperança de possuir mais versos novos. Minha lira emudeceu para sempre. Eu mesma amortalei-a e fechei-a dentro de um túmulo, cuja chave guardo comigo. Dizes ainda que te orgulha quando falam em meu nome. Não gosto disso. És meu parente, que quer dizer essa exageração? Não te alegres com minha fraca inteligência, meu primo, porque a inteligência nas mulheres é um dom fatal (MUZART, 2001, p. 385).

Nessa época, Júlia estava com quarenta e cinco anos, não era mais uma jovem que provavelmente se julgasse capaz de enfrentar adversidades em uma sociedade que não comportava uma mulher como ela e sair vitoriosa ou ilesa. Algumas circunstâncias de sua vida, como o amor frustrado e o casamento por conveniência, por exemplo, mas principalmente seu fazer literário, muito provavelmente a tenham feito sentir a força das tradições e da importância atribuída às convenções sociais, e o papel feminino secundário, que restringia seu acesso a diferentes campos sociais e culturais. O tom de ironia quando se referiu à educação das mulheres demonstra o ceticismo em relação ao meio em que convivia.

Júlia da Costa traduzia em versos as emoções que vivenciava, muitas vezes dando a impressão de que não havia separação entre vida e obra. Em “O sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do Romantismo”, Vizzioli tece pertinentes considerações acerca da relação entre o sentimento e a razão nas composições poéticas românticas. A interação entre ambos pode levar a pressupor um equilíbrio, no entanto, essa harmonia se mostrou ser dificilmente atingida. Ao refletir sobre a definição de Wordsworth sobre poesia: “A poesia é emoção recolhida na tranquilidade”, expõe a dificuldade em mesmo se chegar a uma compreensão dessa definição, que a um tempo poderia sugerir que o/a poeta, ao estar tomado/a pela emoção, não deveria compor seus versos enquanto ainda estivesse sob o impacto dos sentimentos. Ou, em outra perspectiva, considerar que os recursos poéticos através dos esquemas rítmicos garantiriam o distanciamento e a serenidade necessária para a composição poética. A emoção poderia ser considerada, portanto, o ponto de partida a inspirar os versos, no entanto, há inúmeras dificuldades em se caminhar por esse viés, pois nem sempre será possível distinguir se os/as poetas se deixaram ou não serem “dominados” pelos sentimentos. Vizzioli também recorre às reducionistas distinções comumente associadas ao par Romantismo/Neoclassicismo: “O Romantismo se identifica com o sentimento (ou a emoção, ou o inconsciente, ou a energia primitiva), enquanto o Neoclassicismo se associa à razão” (VIZZIOLI, in GUINSBURG, 1978, p. 138). Em relação às limitações e complexidades sobre as tentativas de delimitação do Romantismo também discorre o crítico literário italiano Mario Praz, em seu livro *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*: “O polo oposto de romântico não existe, simplesmente porque romântico indica uma certa condição da sensibilidade que é diferente de todas as outras e incomparável [...]” (PRAZ, 1996, p. 32).

Assim, se torna pertinente tentar compreender Júlia da Costa e o espírito romântico que dominava seus versos. Ao abordar conflitos que poderiam ser associados à sua vida pessoal, esteve próxima do inefável e da essência romântica, nem sempre sendo possível se distinguir os limites entre razão e sentimentos. Seus poemas apresentam emoções exacerbadas, porém, se percebe uma contenção desses sentimentos, que cedem espaço a uma melancolia, em especial quando recorre a reminiscências.

Em relação à prosa, como sua literatura epistolar e textos diversos publicados em periódicos, ela mostra possuir um viés romântico e se pode perceber um lirismo que percorre esses textos de diferentes gêneros. Em “Queixumes”, texto anteriormente citado, a escritora apresenta um tom subjetivo, em reflexão interna, mostrando ao público leitor a agonia pela qual passava um espírito crítico em um meio hostil. No texto intitulado “Fragmentos – Sonhando” (1875), Júlia da Costa registra suas reflexões sobre a temática referente às limitações das mulheres e o sofrimento daquelas que compreendem seu papel social em uma vida cerceada, mas que pouco ou nada podem fazer em relação a isso:

No silêncio da noite, quando a natureza atira-se chorando nos braços do Infinito, é que a lembrança do passado, semelhante a um fantasma, nos beija com tristeza.

É nessa hora de mágicos arroubos que Deus diz à mulher em cuja fronte resplandece a luz da inteligência:

– Não sonhes, anjo meu. Se queres ser feliz, cala o entusiasmo que te vai no coração. A mulher em cujo crânio não se agita uma centelha de luz, é verdadeiramente feliz. Vive da realidade, só dela. Se vê o sol erguer-se, não lhe pede um raio; não chora se o vê voltar. – Ao redor dela se estende uma penumbra deliciosa que a faz ver tudo pelo lado material. Imita, pois, essas sombras plácidas de um dia, que atravessam os horizontes e não deixam vestígios de sua passagem. Caminha, mas não busques o impossível, porque o impossível não te posso dar (COSTA, in PEREIRA, 1992, p. 95-96).

Júlia da Costa deixou uma contribuição literária relevante para o Romantismo brasileiro, contribuição essa que não foi devidamente reconhecida pela crítica e pela historiografia. É bastante

importante lançar esse olhar retrospecto e, assim, tentar reparar, ainda que em parte, esse apagamento histórico. Ao retomar a literatura invisibilizada do passado e empreender outras e novas leituras, em contextos diversos, será possível (re)conhecer não somente Júlia da Costa, mas várias outras escritoras que, devido à sua ausência ou parcial registro, se julga que não existiram, ou que o que escreveram não possuísse mérito. Essas “impressões” equivocadas encobrem estigmas e preconceitos em relação à literatura de autoria feminina que permanecem, mesmo em tempos atuais. Neste texto, houve o cuidado de tentar não se reduzir a trajetória da escritora e sua obra à sua vida pessoal, pois isso poderia se tornar mais uma “distração” que desloca a atenção sobre o que de fato tem relevância, ou seja, a dedicação da escritora em seu fazer literário em uma época ainda tão cerceadora para as mulheres no campo das letras, seu pioneirismo lírico, em especial no Sul do Brasil, sua consistente contribuição para o Romantismo brasileiro e o legado de uma obra relevante ainda por ser devidamente estudada.

### Referências

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. II. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado da Paraná, 1959.
- COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- LIMA, Rosy Pinheiro. *Vida de Júlia da Costa*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*: Antologia. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa da Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Poesia – Júlia da Costa*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.
- PEREIRA, Carlos da Costa. *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1992.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- RODRIGO JÚNIOR e PLAISANT, Alcebiades. *Antologia paranaense*. Curitiba: Mundial, 1938.
- VELLOZO, Dario. A literatura no Paraná. *Revista Club Coritibano*, 1896, n. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721085&pesq=%22julia%20da%20costa%22&pagfis=1010>.
- VIZZIOLI, Paulo. O sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.